



DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UMA TIPOLOGIA SOBRE A PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA EM TRÊS DÉCADAS

Eugenio Pacelli Leal Bittencourt

Universidade Federal do Pará / Núcleo Pedagógico Integrado –
eugenio**bittencourt**@yahoo.com.br

Introdução

Este artigo apresenta uma tipologia das dissertações e teses, principalmente, elaboradas no Brasil a partir da década de 1970. De cunho bibliográfico, o estudo foi realizado em grande parte nos espaços virtuais. Teve como objetivo investigar a natureza das produções acadêmicas com o fito de classificá-las. É parte da tese “Práxis Pedagógica Unitária: do conto musical ‘Pedro e o lobo’ à avaliação reflexiva”, que defendi na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, em 2005.

Está dividido em quatro partes. Na primeira, discorro sobre a necessidade que eu tinha de uma tipologia não apenas para teses e dissertações, mas também para os livros sobre avaliações relacionadas à escola, em vista do meu projeto de tese. Na segunda, sob o título “Contos das dissertações e teses brasileiras”, descrevo a busca e a seleção das pesquisas, analiso as pesquisas sobre avaliação e prática pedagógica e classifico as teses e dissertações em quatro categorias. Na terceira, respondo às indagações que formulei para orientar a seleção e a classificação. Na conclusão, por fim, conclamo o professorado da educação básica a ousar ser pesquisador e reinventar as próprias práticas no âmbito da sua sala de aula, uma vez que a intervenção como recurso metodológico abre um *campo de possibilidades* para pesquisas da área educacional.

Por que uma tipologia das obras acadêmicas?

A questão orientadora da pesquisa bibliográfica buscou investigações na área educacional que adotassem a mediação pedagógica como estratégia metodológica, cujo fito fosse ressignificar a avaliação da aprendizagem ou outra prática de sala de aula. Era preciso respondê-la para que meu projeto de tese que não fosse tomado como solução pedagógica ao problema da avaliação. Como pesquisa qualitativa, estava eu interessado nos significados da vivência de certo modelo teórico que elaborara. A tese versou sobre a alteridade do trabalho afeito à sala de aula mediante aplicação do conceito de avaliação reflexiva, que era parte do modelo unitário que abarcava as práticas afeitas ao espaço micro da sala de aula. Foi desenvolvida em regime de *co-operação* com estudantes de uma turma de 5ª série do Ensino Fundamental, do Núcleo Pedagógico Integrado (NPI), a escola de aplicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Na vivência, além de pesquisador, fui o professor de Ciências no ano letivo de 2001.

Porque o País dispõe de um grande número de trabalhos no campo da avaliação educacional, *também* porque qualquer tipo de intervenção na realidade é sempre uma estratégia complexa, se não mesmo arriscada, para justificar o meu duplo papel e a própria intervenção como principal de estratégia para construção dos dados da tese, era necessário mapear a natureza das dissertações e teses aqui produzidas. A inspiração para a tipologia foi um pensamento de Antonio Muniz de Rezende (1990), mas a literatura apontou outras razões para fazer o que apresento neste trabalho.

Para Rezende, em vista do método fenomenológico na educação, as pesquisas deveriam apresentar momentos correspondentes aos três sentidos da palavra *sentido*, a saber: constatação; compreensão e projeção-prospectiva. Mas as pesquisas se limitam ao primeiro momento; raramente atingem o



segundo e, menos ainda, o terceiro. O desafio da pesquisa bibliográfica que realizei partiu desse pressuposto. Afinal, o que propunha na tese ia além do que costuma ser apresentado como sugestão ou mesmo projeção-prospectiva. Tinha um sentido de práxis, no sentido marxista desse termo.

Críticas e sugestões para mudar o quadro da avaliação, há bastante. Celso Vasconcellos (1998a) constatou que já há uma elaboração teórica nova sobre avaliação, além de muitas críticas. “A questão é fazer com que [essa elaboração] se concretize em sala de aula!” (VASCONCELLOS, 1998b, p. 15). “Novas idéias abrem possibilidades de mudanças, mas [por si sós] não mudam. O que muda a realidade é a prática” (VASCONCELLOS, 2001, p. 54). Assim, para alterar o contexto de uma avaliação que mais apena e exclui, aquele alunado e eu tratamos de ajustar a qualidade dos nossos desempenhos, em busca das necessidades de cada um para tomar as decisões que favorecessem os processos de apropriação do conhecimento, formação e aprendizado. Para esse intento, eu precisava conhecer a lacuna – que pressupunha existente – na produção acadêmica brasileira para inscrever o meu trabalho de intervenção.

É significativo o número de publicações e eventos sobre avaliação escolar, mas o processo não recebeu um trato adequado no tocante a modelos que incorporem as críticas, denúncias e sugestões. No meu doutorado, o chamado à intervenção teve como fonte essa realidade. Para configurar a avaliação educacional como cenário para muitos desenvolvimentos, tracei um panorama com a análise de 75 livros e 94 teses e dissertações. Neste artigo, apresento o resultado da análise das teses e dissertações; a análise dos livros será matéria de outro trabalho.

Os quadros que obtive mostram há avanços, mas são pouco. Confirmam a hipótese que formulei ao pensar o projeto de tese: havia mesmo um hiato propício a intervenções pedagógicas. Logo, a relevância da tipologia está na possibilidade

de gerar idéias para problemas pouco ou ainda não investigados. Serve ainda para inspirar técnicas ou metodologias não-usuais na pesquisa educacional, já tão acostumada a observar a escola básica de fora para dentro, com o olhar do pesquisador sobre *o que faz* e *como faz* o professor. Pelo que encontrei, é apropriada a hora para que o professor assumir a condição de pesquisador que lhe é inerente como sujeito epistêmico.

Contos das dissertações e teses brasileiras

A Revista **Em Aberto** (1995) publicou uma extensa bibliografia sobre a área de avaliação, exatamente teses e dissertações produzidas no Brasil entre 1980 e 1995. Para tanto, consultou acervos e catálogos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), do Ministério da Educação e Cultura, como também de instituições de ensino superior, no caso, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Pará e Universidade Federal do Paraná. Cito os números de trabalhos. A referência completa pode ser encontrada na Revista. Sobre avaliação de instituições, programas, projetos, cursos, currículo e disciplinas, estão relacionadas 139 dissertações e teses; sobre avaliação de métodos, procedimentos didáticos ou metodológicos e materiais instrucionais, 88; sobre avaliação da aprendizagem ou rendimento cognitivo, 71; sobre a construção e a validação de instrumentos de medida, como testes, fichas e escalas, 40; sobre avaliação do profissional, produção acadêmica, treinamento, atividade ou experiências, 54 e sobre documentos e normas acerca da avaliação, 11 teses e dissertações. Ao todo, 403 trabalhos produzidos em quinze anos.

Em maior período de tempo, localizei um número também expressivo de trabalhos nas bibliotecas virtuais. Mas deti-



ve-me nas teses e dissertações sobre a avaliação da aprendizagem. Foi uma árdua busca: ela se retroalimentava! Por isso, descrever o frenesi *cibernático* de tantas partidas e retornos na teia de informações virtuais, em casa e nas bibliotecas reais que também freqüentei, é tarefa tão ingrata quanto extensa e demorada, se não mesmo impossível. Por isso, de forma sumária, descrevo o caminho percorrido como introdução ao panorama sobre pesquisas acerca de avaliação e prática pedagógica produzidas no Brasil, em três décadas.

Descrição da busca e seleção das pesquisas

No mundo da rede de computadores, para localizar o que precisava, utilizei os verbetes avaliação escolar, avaliação do professor, rendimento discente, fracasso e evasão escolar. A lista aumentou quando a busca, superando o desejo de localizar pesquisas sobre avaliação, abarcou também certo interesse por textos relacionados à prática pedagógica. Isso foi necessário. Precisava contemplar aspectos caros à minha investigação, aqueles relativos à afetividade, ensino-aprendizagem, relação professor-aluno, relação professor-aluno-conhecimento e formação docente. Alguns dos novos verbetes que acrescentei à busca foram: educação básica; ensino fundamental; formação docente; formação continuada; currículo; indisciplina; mediação pedagógica; práxis pedagógica; afetividade; processo ensino-aprendizagem; cotidiano escolar; prazer na escola; relações interpessoais; formação conceitual e ensino de Ciências.

Durante a exploração, o critério elementar que direcionava o meu olhar foi esta pergunta: *há pesquisas na área educacional que adotam a mediação pedagógica como parte da metodologia de investigação, com o intuito de ressignificar a avaliação da aprendizagem ou mesmo as práticas de sala de aula?* Outras questões foram formuladas para que eu aprimorasse a seleção. Assim, tinha em mente estas perguntas: 1) *Do que tratam os estudos que*

têm a avaliação escolar como objeto de estudo? 2) Que pesquisas traçam um panorama sobre práticas de ensino e avaliação desenvolvidas na educação básica e no ensino superior? 3) Que práticas pedagógicas, que não o processo avaliativo, têm sido os alvos de pesquisadores e pesquisadoras brasileiras?

Essa empreitada não foi concretizada da noite para o dia. Comecei pela Biblioteca de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, quando, em 2000, era neófito no doutorado. Avancei por 2001, com a minha atuação como professor-pesquisador em uma turma de 5ª série do Ensino Fundamental do NPI, escola de aplicação da UFPA. Mas, foi em 2003, que configurei definitivamente os meus arquivos após analisar, na tela do computador, cerca de cinco mil títulos de teses e dissertações, para resgatar aqueles que eu avaliava como pertinentes aos objetivos.

Selecionei 196 pesquisas defendidas no País, do final da década de 1970 até 2003. Poucos Programas de Pós-Graduação e instituições de divulgação científica lançaram na *internet* as produções acadêmicas daquela década. Localizei apenas três: uma, de 1977, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; uma, de 1978, na mesma PUC paulistana; a outra, do mesmo ano, no *site* do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP).

Consultei os resumos de teses e dissertações, além de trabalhos completos, de sete endereços eletrônicos. A Unicamp era a única instituição que disponibilizava as pesquisas na íntegra. Do endereço do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, captei um trabalho. Eram mais. No entanto, por causa de buscas posteriores bem sucedidas, troquei-os por resumos mais completos. Da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, captei 11 trabalhos; da Universidade Federal de São Carlos, 18 trabalhos; da Faculdade de Educação, Instituto de Psicologia, Instituto de Física e Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, 20 trabalhos; da Universidade Estadual de Campinas, 26 trabalhos; da PUC paulistana, 42 trabalhos. Por fim, do *site* do INEP, captei 74 trabalhos de 14 instituições – Universidade Federal do Espírito



Santo, Universidade Católica de Brasília, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal Fluminense, Universidade Estadual de Campinas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de Brasília, Universidade Metodista de Piracicaba, Instituto de Assuntos Avançados de Educação da Fundação Getúlio Vargas, Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Ao conjunto, somei quatro pesquisas captadas na Biblioteca da Universidade Federal do Ceará. Esperava encontrar um número maior. Não foi o que aconteceu. À época, dentre as dissertações que pré-selecionara numa listagem do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, poucas estavam disponíveis ao público. Assim, com todo esse material, organizei o primeiro arquivo com as pesquisas brasileiras na área educacional que, depois, enriqueci com trabalhos dos anais de reuniões estaduais, regionais e nacionais.

À síntese das 196 teses e dissertações, juntei artigos, sínteses e relatos de experiência publicados em outros meios para completar o primeiro arquivo. Assim, recortei: 32 trabalhos dos CD-ROM de duas reuniões anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizadas em Brasília e Salvador, em julho de 2000 e 2001, respectivamente; 31 artigos dos CD-ROM de dois Encontros de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, realizados em São Luís (MA) e Aracaju (SE), em junho de 2001 e 2003, respectivamente; 7 sínteses do Livro de Resumos do Encontro de Pesquisa em Educação da Universidade Federal do Piauí, realizado em Teresina em dezembro de 2000. Com o material, fechei o meu arquivo maior. Como buscava pesquisas que tivessem realizado intervenções de cunho pedagógico, nos últimos 70 trabalhos citados, apenas uma pesquisa com intervenção: a de Creuza Silva, Elenir Santos e Marinalva Santos (2001). Mas não era sobre avaliação, e sim com resultados de uma proposta para sanar dificuldades de alunos

da 5ª série na resolução de problemas de Matemática. Foi apresentado na 53ª Reunião da SBPC.

Também consultei as páginas virtuais da Anped. E, nelas, os trabalhos das reuniões realizadas em 2000 e 2001, disponibilizados naquela época. Foram mais 40 trabalhos que aloquei em um arquivo à parte. Apenas um – Ufa! – divulgava pesquisa *com intervenção*; era o artigo de Neide Bittencourt (2001a). Aliás, essa forma não parece bem-vinda aos encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. A Anped se previne da inscrição de relatos de experiência. Mas não foi por esse motivo que não inclui os trabalhos que localizei no site em meu arquivo principal. O teor deles é que me convenceu de uma saturação já anunciada. As temáticas se repetiam há algum tempo, mas eu insistia em acessar outros bancos de dados. E nada de encontrara algo novo em relação ao que já possuía. *Nada de novo* não significa pesquisas de pouca relevância. Noutro extremo, significa que, ao que desejava encontrar, especialmente pesquisas com mediação pedagógica, não localizava um relato sequer. Nada que me fizesse assim murmurar: – *Hum! Isso aqui eu ainda não tenho...*

Pela necessidade premente de recorte, efetuei uma segunda busca. Agora interna, naquilo que selecionara. Era imprescindível classificar as pesquisas, sobretudo as dissertações de mestrado e teses de doutorado e livre docência. Precisava recompor o que selecionara em um novo arquivo. Como objetivo terminal, queria identificar pesquisas com *modus operandi* similares a que pretendia realizar – e realizei; até para dizer o que a minha tinha de lugar-comum, como também de original e diferente.

Análise das pesquisas sobre avaliação e prática pedagógica

Debrucei-me sobre o material assim organizado. Precisava analisá-lo para selecionar os estudos necessários à tipologia que pretendia construir. Após inúmeros arranjos, pre-



parei dois quadros. Quase uma centena de dissertações e teses. No primeiro, dispus as 65 pesquisas sobre avaliação da aprendizagem e temas correlatos; no outro, dispus as 29 pesquisas sobre aspectos pertinentes às demais práticas pedagógicas. Porque neste artigo não há espaço suficiente para divulgá-los, mesmo como anexos, uma vez que são extensos, posso disponibilizá-los a quem mostrar interesse.

O primeiro contém as pesquisas pertinentes ao que necessitava sobre avaliação da aprendizagem. São 48 dissertações de mestrado, 15 teses de doutorado, 1 tese de livre docência e uma pesquisa pedagógica. Já o segundo, reúne 6 teses e 23 dissertações sobre a prática pedagógica. É dado destaque ao nome do autor ou autora, título da pesquisa e uma síntese com o objetivo, a metodologia, os “achados”, além de elementos da conclusão. Discrimino também a classificação de cada pesquisa, que elaborei inspirado no pensamento de Antonio Muniz de Rezende (1990), sobre o método fenomenológico em educação, bem como a indicação do problema de pesquisa, o campo empírico e os sujeitos da pesquisa. Têm ainda comentários úteis ao agrupamento de trabalhos com aspectos comuns para mencionar na tese e outros escritos meus.

Mas as pesquisas sobre avaliação não estariam inclusas nas “práticas”? Sim e não são as minhas respostas. *Sim*, porque *todas*, de uma forma ou outra, versam sobre práticas que materializam no interior da escola ou os seus efeitos. E a avaliação da aprendizagem é uma das mais importantes práticas escolares. Como constatou Mara De Sordi (1993), ela é determinante na organização do trabalho pedagógico e inscreve-se como principal evidência do projeto político-pedagógico adotado pelos cursos e disciplinas, como se depreende dos estudos de Antônio Pagotti (1992), Ilma Machado (1996), Cláudia Costa (1996), Renata Vasconcelos (1998) e Augusto Ratti (2002).

E *não* é a outra resposta àquela pergunta, porque, para compor o quadro sobre as práticas pedagógicas, privilegiei os

estudos que não tinham a avaliação em primeiro plano. Versavam sobre a formação de conceito, a metodologia de ensino, a relação professor-aluno, o desenvolvimento da autonomia discente, o ensino de Ciências, a forma de ensino, dentre outras ações, mostradas mais adiante, pertinentes à análise da intervenção posta em curso.

Classificação das teses e dissertações

A classificação das dissertações e teses sobre avaliação é muito simples por dois motivos. Primeiro, porque baseada nos resumos disponíveis nos acervos reais e virtuais de bibliotecas universitárias e *sites* de entidades nacionais ligados à educação, mais algumas poucas monografias capturadas na íntegra. A quantidade, que reconheço como amostra do que foi produzido no País, foi suficiente à classificação pretendida. Segundo, porque inspirada nos três momentos ligados aos sentidos da palavra *sentido*: a constatação descritiva da realidade; o tratamento interpretativo dos dados constatados; a manifestação projetiva das conseqüências e alternativas possíveis (REZENDE, 1990). Logo, algo direcionador à tarefa de classificação das pesquisas. Porque aceitei que a Fenomenologia da Educação traz conseqüências importantes à metodologia de pesquisa, pensar a avaliação e a prática escolar como fenômenos significou um meio facilitador à “elaboração” da taxonomia das teses e dissertações.

Para Antonio Muniz de Rezende, as pesquisas em educação – e nas Ciências Humanas – deveriam apresentar três momentos, correspondentes aos sentidos da palavra *sentido*. No primeiro momento, *fase de constatação*, tratar-se-á de constatar a realidade com um levantamento adequado dos dados, em vista de uma descrição suficiente e significativa da situação de mundo que foi escolhida como objeto de pesquisa. Resalto que importa saber o que os dados significam, como *uma boa e velha* pesquisa qualitativa. No segundo momento, *fase*



de compreensão, tratar-se-á de considerar a realidade constatada, não apenas para explicá-la, mas para compreendê-la, sobretudo. Para tanto, tentar-se-á evidenciar as diversas relações internas e as manifestações de suas contradições, bem com a descoberta das possibilidades de superação. No terceiro momento, *fase de projeção-prospectiva*, tratar-se-á de mostrar como essas contradições e possibilidades podem ser exploradas, em vista da construção de uma realidade outra, de uma situação histórica singular, julgada preferível e desejada pelos sujeitos – e para eles mesmos.

“Muitas pesquisas em educação têm-se limitado à primeira dessas três etapas, embora nem sempre de maneira significativa, sem atingir a segunda e muito menos a terceira” (*ibidem*, p. 58). Essa afirmação de Rezende foi a base que utilizei ao classificar as pesquisas. Pelo que definira o autor e porque não há estudo da área que não tenha ao menos uma sugestão à reconstrução da realidade escolar, fundi as características da segunda e da terceira fase. Por conseguinte, considerando o tipo de pesquisa que me animara à busca, organizei as teses e dissertações em quatro categorias: pesquisa de constatação; pesquisa de elucidação, pesquisa de intervenção e pesquisa de registro.

Marina Marconi e Eva Lakatos (1990) mencionam oito tipologias de pesquisas, elaborados por autores diversos. A que elaborei tão-somente teve o intento agrupar o que localizei, segundo o que me inspira como professor que investiga a ação educativa onde ela acontece: a sala de aula, ou melhor, na minha própria sala de aula. Por quê? Para dar uma resposta às questões que direcionaram a minha busca por investigações em que o pesquisador era também o professor da intervenção que propusera.

A leitura das classificações citadas por Marconi e Lakatos, autoriza-me dizer que somente o décimo esquema tipológico da extensa classificação de Perseu Abramo é o que mais se aproxima do que elaborei. Aproxima-se, apenas isso. Nesse esquema, a pesquisa pode ser descritiva, explicativa, mensurativa

ou identificativa. Vê-se que ele não contempla o essencial do que adotei como tarefa. Nada foi relacionado à mediação. Nem inclui o que, Ezequiel Ander-Egg chama de *pesquisa aplicada*; J. W. Best e Herbert Hymann, em tipologias distintas, de *pesquisa experimental*; J. Francis Rummel, de *pesquisa tecnológica* ou *aplicada*. Todos, autores citados por Marconi e Lakatos. A diferença entre a tipologia de Abramo e a que elaborei está no critério de classificação adotado. Minha opção frisa a ação do pesquisador na construção dos dados, enquanto a dele diz respeito ao nível de interpretação das informações obtidas. Para encerrar esta discussão e apresentar o resultado da análise que resultou na classificação das teses e dissertações brasileiras sobre avaliação, resta-me definir a natureza das pesquisas de constatação, elucidação, intervenção e registro.

As pesquisas de constatação, como o nome indica, seguem o que escrevera Muniz à fase homônima; as pesquisas de elucidação combinam as características das fases de compreensão e projeção-prospectiva; as pesquisas de intervenção, como se não fosse sabido, são aquelas que adotam a mediação pedagógica como principal técnica para a construção dos dados; por sua vez, as pesquisas de registros são aquelas que, pelo caráter documental, histórico, não se enquadram nas três outras categorias. Elaborei dois quadros para abrigar as classificações das pesquisas brasileiras sobre avaliação e práticas pedagógicas, respectivamente; além da identificação dos temas das pesquisas, quantifico-os, como também discrimino o que é dissertação e o que é tese, pela letra inicial dessas palavras. Lançarei mão deles para responder parte das indagações que apresentei na seção “Descrição da busca e seleção de pesquisas”.

Respostas às indagações que animaram a classificação

Como resposta à questão se há pesquisas na área educacional que adotam a mediação pedagógica como parte da meto-



dologia de investigação, apresento anexo o Quadro 1 com uma classificação das pesquisas sobre avaliação. A corroborar a resposta, apresento também o Quadro 2, com uma classificação das pesquisas sobre práticas pedagógicas. Ambos apontam para o fato de que há poucas pesquisas que adotam esse tipo de mediação como técnica de investigação. Apreciei apenas 5 dentre 94.

O percentual de 5,31% confirma que a intervenção é um desafio que raras pessoas ousam enfrentar, seja professor, que sei por experiência, seja pesquisador, como mostra a desproporção entre os números. Ademais, o teor pedagógico das pesquisas com intervenção que localizei não tem apenas o intuito de atribuir novos significados à avaliação da aprendizagem ou mesmo às práticas de sala de aula. Mesmo pequeno, o leque é variado, como explicitarei na seção final. E, no caso de restringir-se às pesquisas que têm a avaliação como objeto da intervenção, aquele percentual cai para 3,19%.

Não vejo com pessimismo o baixo número de pesquisas *com* intervenção. Aplicada em situações até aqui temidas, ignoradas, senão negligenciadas, a mediação pedagógica é um campo a gradar. Mais do que qualquer outra técnica, o que torna complexa a tarefa de quem se propõe intervir na realidade é a grande produção de dados sobre o objeto da pesquisa. Dados sobre o que foi pensado e o que não foi pensado também. Mas isso não deve desencorajar ninguém. A mim, encanta, pois o prazer de inventar caminhos é maior, e melhor, do que se optasse por vias mais convencionais.

Quem intervém em novas frentes do saber, adianta-se em relação à história. Trilha o futuro já no presente. Intervir é como preparar a terra para plantar. Para, mais tarde, colher. Por essa via, devem surgir *achados*, artefatos teóricos e instrumentais, capazes de abalar o *statu quo* que prevalece no cotidiano das instituições de ensino.

A segunda indagação, sobre o que tratam as investigações que elegeram a avaliação da aprendizagem como temática

de estudo, deixo que o Quadro 1 responda por si mesmo. Atenção à contabilidade dos aspectos relacionados à avaliação que foram tratados como problema de pesquisa. Por sua vez, o Quadro 2, responde questão similar. Sobre o que tratam as investigações que optaram por práticas escolares.

O número de pesquisas que estudaram as práticas avaliativas, o fracasso escolar, o rendimento discente, as percepções, significados ou representações sociais sobre o processo, respectivamente, 17, 10, 7 e 7 (a maioria classificada como pesquisa de constatação), dizem de problemas que, se não pertencem a um campo saturado, pelos menos não é fácil encontrar algo de novo ao abordá-los. Observei o “detalhe” ao me apropriar dos resultados de cada uma delas. Os números dizem mais: há que se olhar noutras direções para fazermos avançar o conhecimento. É o que faz quem se propõe a desenvolver pesquisas com intervenção. Foi o que eu fiz, junto com estudantes de uma turma de 5ª série, na qual, como pesquisador, fui o professor de Ciências.

Quanto à questão sobre as práticas que, exceto o processo avaliativo, têm sido os alvos preferenciais de pesquisadores e pesquisadoras brasileiras, informo que ela foi uma ferramenta útil para configurar o arquivo sobre dissertações e tese. No entanto, perdeu o sentido durante a análise e classificação delas. Por isso, não a responderei. Também não responderei a questão sobre as pesquisas que traçam um panorama atual sobre as práticas de avaliação e de ensino na educação básica e no ensino superior, tratarei nas duas seções seguintes. Ela foge ao escopo deste trabalho.

A Guisa de Conclusão

Ao concluir a interpretação dos dados apresentados nos Quadros 1 e 2, relativos ao conteúdo e à forma de desenvolvimento das pesquisas, chama atenção os números de 56 pes-



quisas de constatação e 27 de elucidação. Eles confirmam o que escrevera Antonio Muniz de Rezende acerca do alcance das pesquisas em educação. Não exprimem mesmo certa saturação desses campos de investigação?

Como se depreende dos Quadros, a intervenção como recurso metodológico em teses e dissertações brasileiras é incomum. Predominam estudos que aplicam outros procedimentos. As pesquisas com intervenção – 5 contra 94 – são um desafio que poucos ousam enfrentar. Nas que localizei, o teor pedagógico é variado. Estende-se da recuperação paralela (VASCONCELOS, 1978) à formação em serviço (ORTOLAN, 1996); da formação de futuros professores (BARROS FILHO, 2002) à participação de universitários no planejamento do curso (COELHO, 1995), passando ainda pela ressignificação do fazer pedagógico mediante a aplicação do conceito de avaliação formativa (BITTENCOURT, 2001b).

Acredito em mudanças pelo exercício de propostas diferenciadas, mais do que naquelas geradas em gabinetes. O mundo escolar com avaliação alternativa ao modelo convencional ainda é um *campo de possibilidades* de pesquisas na área. Mediante o recurso da intervenção, então, ainda é um grande deserto. Foi pouco explorado, como demonstrei neste artigo. Assim, para abalar o que temos arraigado nas instituições de ensino, cujas bases históricas são práticas inerentes à pedagogia tradicional, julgo imprescindíveis intervenções como o da práxis unitária. Elas fazem frente com as expectativas e as críticas de quem pensa e faz educação neste País. Particularmente, refiro-me ao professor e à professora do Ensino Fundamental, atuando como pesquisador(a) que reinventa as práticas pedagógicas na própria sala de aula.

Referências Bibliográficas

BARROS FILHO, Jomar. **Avaliação da aprendizagem e formação de professores de Física para o ensino de nível médio.**

2002. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Resumo. Disponível em: <<http://www.prpg.unicamp.br/teses>>. Acesso em: 25 mar. 2003.

BITTENCOURT, Neide Arrias. **Avaliação formativa de aprendizagem no ensino superior**: um processo construído e vivenciado. **2001a**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/24/progr>>. Acesso em: 18 dez. 2003. Originalmente apresentado como tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

BITTENCOURT, Neide Arrias. **Avaliação formativa de aprendizagem no ensino superior**: um processo construído e vivenciado. **2001b**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Resumo. Disponível em: <<http://www.dedalus.usp.br:4500/ALEPH/POR/USP/USP/TES/FULL/2190831?>>. Acesso em: 20 mar. 2003.

COELHO, Anésia Sodré. **A participação de alunos na elaboração de um plano de curso em uma experiência de prática pedagógica fundamentada na concepção educacional rogeriana**. 1995. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995. Resumo. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/~pedpos/resumo/resu294.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2003.

COSTA, Claudia da Silva. **Educação Musical**: práticas avaliativas e organização do trabalho pedagógico. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília (DF), 1996. Resumo. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online>>. Acesso em: 15 mar. 2003.

DE SORDI, Mara Regina Lemes de. **Repensando a prática de avaliação no ensino de Enfermagem**. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. Resumo. Dispo-



nível em: <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online>>. Acesso em: 20 mar. 2003.

MACHADO, Ilma Ferreira. **Conflitos em avaliação de aprendizagem**. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996. Disponível em: <<http://www.bibli.fae.unicamp.br/cat/490.htm>>. Acesso em: 07 mar. 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1990. 222p.

ORTOLAN, Sandra Mara Bernardi. **Avaliação no Ciclo Básico**: concepções de professores e criação de espaços para a discussão coletiva de práticas pedagógicas. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1996. Resumo. Disponível em: <<http://www.bco.ufscar.br/indexbco.htm>>. Acesso em: 1º jun. 2003.

PAGOTTI, Antônio Wilson. **Em busca da compreensão e superação do insucesso escolar no ensino noturno de Primeiro Grau**. 1992. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992. Resumo. Disponível em: <<http://pucsp.br/~pedpos/resumo/resu222.htm>>. Acesso em 21 mar. 2003.

RATTI, Augusto. **Formação de professores**: avaliando a formação do professor para avaliar. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2002. Resumo. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online>>. Acesso em: 20 mar. 2003.

REVISTA EM ABERTO. Avaliação educacional. Brasília (DF): INEP, v. 15, n. 66, abr. jun. 1995. 74p.

REZENDE, Antonio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez – Autores Associados, 1990. 96p.

SILVA, Creuza Souza; SANTOS, Elenir Souza; SANTOS, Marinalva Pereira. Proposta para sanar as dificuldades apresentadas pelos alunos de 5ª série da escola pública na resolução de problemas de Matemática. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PELO PROGRESSO DA CIÊNCIA, 53., 2001, Salvador.

Anais... Salvador: UFBa, 2001. 1 CD-ROM.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação:** concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. 13 ed. São Paulo: Libertad, 2001. 110p.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação:** superação da lógica classificatória e excludente: do “é proibido reprovar” ao é preciso garantir a aprendizagem. São Paulo: Libertad, 1998b. 126p.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Processo de mudança da avaliação da aprendizagem:** o papel do professor, representações e práticas. 1998a. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998b. Resumo. Disponível em: <<http://www.dedalus.usp.br:4500/ALEPH/POR/USP/USP/TES/FULL/0974425?>>. Acesso em: 18 dez. 2002.

VASCONCELOS, Armando Reis. **Avaliação formativa e recuperação:** estudo experimental de um modelo. 1978. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978. Resumo. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online>>. Acesso em: 18 mar. 2003.

VASCONCELOS, Renata Nunes. **A construção (reconstrução) do trabalho pedagógico de uma escola fundamental:** um estudo de caso. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998. Resumo. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online>>. Acesso em: 20 mar. 2003.



ANEXO

Quadro 1 – Classificação das pesquisas brasileiras sobre avaliação.

PROBLEMÁTICA	CONSTATAÇÃO		ELUCIDAÇÃO		INTERVENÇÃO		REGISTRO	
	D	T	D	T	D	T	D	T
Práticas avaliativas	15	-	1	1	-	-	-	-
Fracasso escolar	4	-	3	3	-	-	-	-
Rendimento discente	4	-	2	1	-	-	-	-
Percepções, significados ou representações sociais	4	2	-	1	-	-	-	-
Avaliação e formação docente	2	-	1	-	1	1	-	-
Dificuldades de aprendizagem	1	1	3	-	-	-	-	-
Avaliação em processo de mudança	1	1	-	1	-	1	-	-
Recuperação da aprendizagem	2	-	-	-	1	-	-	-
Avaliação escolar e família	1	-	1	-	-	-	-	-
Procedimentos normativos	-	-	-	-	-	-	1	-
Epistemologia da avaliação	-	-	-	-	-	-	-	2
A avaliação na história	-	-	-	-	-	-	2	-
TOTAL	34	4	11	7	2	2	3	2
	38		18		4		5	

Quadro 2 – Classificação das pesquisas brasileiras sobre práticas pedagógicas.

PROBLEMÁTICA	CONSTATAÇÃO		ELUCIDAÇÃO		INTERVENÇÃO		REGISTRO	
	D	T	D	T	D	T	D	T
Prática pedagógica	7	3	3	-	-	-	-	1
Ensino de Ciências	4	-	-	-	-	-	-	-
Problemas de ensino	-	-	1	2	-	-	-	-
Autonomia discente	-	-	1	-	-	-	-	-
Formação docente	1	-	-	-	-	-	-	-
Relação professor-aluno	2	-	1	-	1	-	-	-
Aprendizagem	1	-	1	-	-	-	-	-
TOTAL	15	3	7	2	1	-	-	1
	18		9		1		1	